

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O costume de se mascarar: Brasil e África ligados pelo trabalho e pela festa

Viviane Lima de Morais*

Resumo: Uma das festividades populares mais tradicionais do Brasil é o “Bumba-meu-boi” que, apesar de não ter surgido junto com a atividade da pecuária, está ligada à mesma pelo tema que a origina. No cotidiano de povos tradicionais africanos há rituais religiosos e não religiosos que utilizam as máscaras como um elemento fundamental de diversos cultos. Mascarar-se, entre alguns povos bantos, consiste em se revestir da ancestralidade invocada no momento do ritual. Por essa razão, as máscaras não se limitam a uma cobertura do rosto ou da cabeça, mas sim de toda a extensão do corpo. Esta maneira de usá-las, bem como o seu caráter zoomorfo revelam as marcas culturais de povos do continente africano no Brasil, que emergem dos âmbitos social e simbólico, e se expressam na relação trabalho/festa e universo humano/animal.

Palavras-chaves: Boi, Máscara, Culturas

Abstract: One of the most popular traditional festivities of Brazil is the “Bumba-meu-boi” that, despite it doesn’t appeared with the cattle activity, is linked with it by the theme that the festivity originate. On the daily of traditional african people, there are “not religious” and “religious rituals” that use masks as a basic element of many kind of workship. Masking themselves, among some bantu people, it **consists of invoking ancestry** at moment of the ritual. For that reason, masks it doesn’t limit to cover the face or head, but yet all extension of the body. That way to use them, as well as its zoomorphic aspect reveal the cultural marks of people of african continent in Brazil, that emerges from social and simbolic scope and express in the relation work/festivity and human/animal universe.

Key-Words: Ox, Mask, Cultures

A chegada da primeira leva de bois no Brasil está oficialmente registrada sob a data de 1534, trazidos por dona Ana Pimentel, esposa e procuradora de Martin Afonso de

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutoranda em História Social, bolsista do CNPQ.

Souza. Neste mesmo período entravam na Capitania de Porto Seguro as primeiras tropas deste animal. Segundo José Alípio Goulart, Duarte Coelho, conhecendo as utilidades deste animal para as atividades de caráter permanente que desejava implantar em sua capitania, trouxe juntamente com a sua família e parentela, algumas sementes, escravos e bois. Cita ainda o mesmo autor o episódio da caravela Galga que teria chegado à Bahia em 1550 trazendo de Cabo Verde muitas cabeças de bois e vacas.

Kazadi wa Mukuna, ao tratar das relações entre a Coroa Portuguesa e o segundo reinado do antigo Kongo - que culmina com fim deste império africano - afirma que “*por volta de 1513 os tratados já estavam sendo assinados entre os dois reis [Manikongo e o rei de Portugal] para exportar escravos do Congo e envia-los para as Ilhas de Cabo Verde e São Tomé*”.

O boi trazido para o Brasil por essas grandes caravelas que também transportavam os pertences dos navegadores, dentre eles seus escravos, tornou-se um importante elemento da economia colonial brasileira, tanto como mão-de-obra auxiliar do trabalhador escravizado na agricultura comercial quanto como produtor de alimentos. Quando observamos a ocupação dos diversos espaços de trabalho por escravos e bois e o convívio constante sob condições semelhantes de exploração e representação social (um elemento do espaço de trabalho), fica clara a possibilidade de apropriação da figura do animal pelo homem, tomando-o como uma metáfora da sua condição social satirizada nos autos do bumba-meu-boi.

Essa questão provoca uma possibilidade de desviar o olhar da festa do boi e sua constituição étnica, para abordar os fenômenos que influenciaram o comportamento humano, ao ponto de catalisar a sua função criadora para extrair deste animal a simbologia necessária que exprime a condição social do africano escravizado.

Observando as relações de povos africanos bantos, não escravizados, com a natureza a partir dos sons que produzem (fala e música) e da gestualidade dos corpos (maneiras de andar, dançar e guerrear), podemos compreender como ocorre o apoderamento da função sócio-natural do animal para expor as questões sócio-econômicas de um cotidiano na condição de escravizados ou descendentes destes.

A fixação do boi ocorre, inicialmente, no litoral vinculado às plantações de cana e mandioca. No entanto, devido a expansão dos rebanhos e da produção de açúcar e farinha a convivência entre eles se tornava cada vez mais difícil. Os avanços dos animais sobre as

plantações geravam sérios conflitos entre plantadores e criadores. Restando para o criatório a premente necessidade de adentrar pelo interior do país, dando início ao desbravamento dos sertões brasileiros.

Os territórios onde se desenvolveu a atividade pastoril eram fruto das desapropriações de povos indígenas que foram, em sua grande maioria, mortos ou escravizados, empurrados para áreas ainda mais inóspitas, deixando grandes faixas de terras vizinhas ao litoral para a expansão produtiva do gado, que gradativamente atingiu também o interior, utilizando trabalhadores africanos escravizados e mestiços pobre-livres assalariados.

O desbravamento e povoamento do sertão se fez com bois e homens. O gado não só permitiu o povoamento como auxiliou na abertura dos caminhos previamente sinalizados pelas trilhas indígenas. O escravo africano acompanhou esta abertura construindo estradas, criando os caminhos para as lavouras agrícolas comerciais com a derrubada das matas, limpeza e preparação dos solos.

O sertão se abriu com o som das boiadas, troncos caindo, solo amassado, arbustos queimados, chocalhos soando, chifres estalando, animais mugindo e homens cantando. Foi da aliança entre escravos e bois que surgiram os mestiços, os trabalhadores pobres e livres, os vaqueiros, os cantadores, os brasileiros do sertão.

Nestas regiões sertanejas o couro foi matéria-prima de fundamental importância nos agrupamentos humanos onde a economia era fruto quase que exclusivo do criatório. A cultura material das regiões pecuaristas apresenta várias possibilidades de estudo para sondar o cotidiano socioeconômico de seus sujeitos. É impossível dissociar o vaqueiro de sua produção material e simbólica, pois ela é parte integrante de seu universo.

O couro de boi era usado em equipamentos domésticos, como assentos dos tamboretas das moradias pobres, cadeiras de espaldar dos proprietários dos rebanhos, baús que traziam o revestimento trabalhado com costuras à máquina em desenhos e arabescos, catres para doentes, mesa de refeição, cordas esticadas para a secagem da roupa, argola nos cabos dos cocos para recolher água dos potes e, também com esse material se reduzia o tabaco a rapé. Esses objetos produzidos e utilizados por mãos africanas de seus descendentes, ensinado e recriando técnicas trazidas dos seus territórios além do Atlântico.

Como artigo religioso, o couro era utilizado com bastante intensidade como patuá, um pequeno saco trazendo em seu interior “orações fortes” para livrar seus crentes do mal e de qualquer perigo, levado junto ao peito pendurado no pescoço.

Este material também foi usado no feitiço de equipamentos musicais como zabumbas e tambores (instrumentos em forma de barris com couro esticado em uma das extremidades) que acompanhavam as cantorias de festas e jornadas de trabalho. Os instrumentos produziam melodias restritas a sons e acordes repetidos e monocórdios de influência banta. As cantorias unidas a um terceiro elemento, também constitutivo desta cultura musical, a sonoridade do gado, configuraram o cantar dos aboios, produzindo um som que, ao longe, assemelhava-se a um mugido soturno. Esta música quase sem variações e suas danças expressam a fantástica capacidade do povo sertanejo de amalgamar não apenas a cultura espiritual, mas a material para manifestar seus sentimentos de alegria e dor.

Nesta festividade nomeada “Bumba-meu-boi” eram utilizados, inicialmente, cipós entrançados na estrutura representativa de um boi ou a própria pele do animal para desempenhar a dança e animar a festa de morte e ressurreição do mesmo.

O couro também foi utilizado como transporte marítimo. No interior da Bahia, denominado de bangüê, um cesto de couro com um tipo de suporte em suas bordas (em geral de cipó), servindo para transportar pessoas de um lado a outro de rios quando não havia canoa. O bangüê era puxado a reboque por cavalo ou por um homem a nado, levando-o preso aos dentes por uma corda. Temos ainda o ajoujo, muito usual no rio São Francisco, que consistia em canoas de madeira fortemente unidas por tiras de couro utilizadas no transporte de cargas. Quando destinadas ao transporte de passageiros estas canoas eram cobertas, na maior parte das vezes por um toldo de couro que a impermeabilizava. O bangüê também denominava um instrumento de transporte terrestre. Este consistia em couros de bois presos a varais. Foi utilizado nos engenhos para transportar cana. E no próprio criatório para transportar esterco, lenha, pedras, areias e até cadáveres de escravos.

A bruaca ou surrão era uma espécie de bolsa feita de couro, com ou sem argola para mantê-la sempre aberta, conduzida sobre o lombo de animais para o transporte de alimentos, um utensílio bastante comum entre os tropeiros; a borracha era um saco de couro seco usado para conduzir água. E, finalmente, o carro-de-boi, transporte utilizado na condução de todos os tipos de cargas pesadas e, quando no transporte de pessoas, tinha o seu chão coberto por uma pele, também de boi, e o teto coberto por um toldo de couro do mesmo animal.

A “Festa do Boi”, o “Boi Surubi” ou ainda o “Boi-bumbá” acontecia geralmente no período das festas natalinas de 24 de dezembro a 6 de janeiro. Atualmente ocorre em

algumas localidades no período das festas juninas. O festejo gira em torno da ridicularização de certos costumes e sujeitos, mesclando a diversão à prática de velhos cultos africanos a animais e à crença católica no boi e no burrinho que São José conduziu trazendo o Cristo para nascer em um estábulo humilde na estrada de Belém. Outra versão bastante comum é da *Catirina* e seu desejo de comer a uma língua de boi, provocando a morte do boizinho mais querido do dono da fazenda e, conseqüentemente, a necessidade da ressurreição do animal. Ocorre no texto cantado durante a festa do boi a utilização de uma linguagem metafórica para exprimir a condição de maus tratos e opressão sobre os trabalhadores negros. Fica clara a interpretação imagética de um impiedoso senhor de escravos que tem prazer, assim como seus “acostados”, em ver o sofrimento do trabalhador escravizado.

Segundo Artur Ramos, este auto apresenta o “princípio de repetição” das “festas cíclicas do sacrifício” presente em alguns rituais africanos. Que foram repassadas oralmente e modificadas de acordo com as localidades e influências culturais, que resultam de uma intensa interação entre os diversos povos que habitaram o Brasil nos séculos passados. Por este princípio o Bumba-meu-Boi, assim como outros festejos como Reisados, expandiu-se nos festejos populares que trouxeram o trabalho, os sofrimentos, as injustiças, mas também a redenção destes sofrimentos.

No cotidiano de alguns povos da região ocidental do continente africano, principalmente entre os de origem Banto, há rituais religiosos e não religiosos que utilização de um elemento material de suas tradições orais que é a máscara ou o costume de mascarar-se.

Mascarar-se, entre esses povos diz respeito à possibilidade de se revestir da ancestralidade invocada para aquele momento sócio-cultural. Por essa razão, as máscaras não se limitam a uma cobertura do rosto ou da cabeça, mas sim de toda a extensão do corpo do sujeito, que sairá da sua condição física e humana para dar lugar às forças da tradição que ele representa.

A máscara, portanto, é apenas um dos elementos da performance oral que se compõe também da música, da dança, da interação com os ouvintes e de todos os ensinamentos anteriores e posteriores que concretizaram esse momento. Essas máscaras mantêm uma estrutura estética tradicional, que guarda em si diversos processos ritualísticos, onde a oralidade está presente desde a sua concepção e confecção até o seu uso.

Em geral, estas máscaras se subdividem em duas partes: uma superior – que ficará sobre a cabeça – feita com um material mais duro e resistente; e uma inferior – que cobrirá o

corpo do mascarado – confeccionada em tecido ou outro material maleável. Estes elementos podem ser representados com estruturas humanas ou animais.

Seu uso exige do mascarado uma performance que se adeque gestualmente ao ser representado seja ele humano ou animal. Por tanto, a máscara não é confeccionada para se adequar ao corpo do mascarado e sim o mascarado deve adequar o seu corpo ao ser que ele irá representar, produzindo movimentos que obedeçam a tradição e permitam que os espectadores reconheçam o ancestral ou animal ali presente.

Dentro desta perspectiva podemos apontar diversas semelhanças entre a estrutura estética da máscara e a estrutura corporal do mascarado na festa de bumba-meu-boi no Brasil com a de alguns destes povos da região ocidental do continente africano.

Referências Bibliográficas

- ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial, 1500-1800 & Os caminhos antigos e o Povoamento do Brasil*, 5 ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1963.
- AMARAL, Amadeu. *Tradições Populares*. São Paulo, HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol: Natureza e Costumes do Norte*. 6 ed., (comemorativa do cinquentenário), Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI. *Homo-Domesticação. Cultura material*. Vol. 16, Diretor: Ruggiero Romano. Edição Portuguesa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- GOULART, José Alípio. *O Ciclo do Couro no Nordeste*. Documentário da Vida Rural, nº 19. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1966.
- LOPES, Ney Bantos, *Malês e identidades negras*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.
- MUKUNA, Kazadi wa. *Contribuição Bantu na música popular brasileira: perspectivas etnomusicológicas*. São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- RAMOS, Artur. *O Folclore Negro do Brasil. Demopsicologia e Psicanálise*. 2 ed., Ilustrada e revisada, Rio de Janeiro, Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1954.